



Resumos do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia – Belém/PA – 28.09 a 01.10.2015

## **A problematização do conceito de *camponês* e o seu uso na rede Sementes da Paixão**

PAULINO, Jonatta Sousa<sup>1</sup>

<sup>1</sup> PPGCS/UFCG, jonatta.15@bol.com.br

**Resumo** No estado da Paraíba, agricultores familiares de vários municípios do semiárido têm construído Bancos de Semente Comunitários (BSC), que se integram numa rede chamada de Sementes da Paixão. Tomando como ponto de partida a ideia de que camponês e campesinato são palavras frequentemente utilizadas quando se trata dos agricultores agroecológicos descritos na produção científica sobre a rede Sementes da Paixão, tenho como objetivo efetuar uma análise do uso do conceito de campesinato, pensando a sua teorização clássica e contextualizando com as experiências agroecológicas paraibanas. O procedimento metodológico seguido se baseia numa análise de conteúdo de trabalhos que versam sobre a rede em questão – como uma versão possível dentre as diversas abordagens e práticas no que se refere à agroecologia – para que se possa dissertar sobre os significados do conceito de campesinato e sua apropriação na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** campesinato; conceito; agroecologia; agricultura familiar; Paraíba.

**Abstract:** In the state of Paraíba, family farmers in several cities in the semiarid have built Community Seed Banks (BSC), integrating the “Sementes da Paixão” network. Taking as starting point the idea that peasant and peasantry are words often used when it comes to agroecological farmers described in the scientific literature on the Sementes da Paixão network, I aim to make an analysis of the use of the concept of peasantry, thinking his theorizing classical and contextualizing with the Paraíba agroecological experiences so that with it, you can reflect on possible scientific limitations with the complexity of the social world. The methodological procedure followed is based on a content analysis of works that deal with the network in question – as a possible version among the various approaches and practices with regard to agroecology – so that one can speak about the meanings of the concept of peasantry and its appropriation at nowadays.

**Keywords:** peasantry; concept; agroecology; family farming; Paraíba.

## **Introdução**

No estado da Paraíba, agricultores familiares de vários municípios do semiárido têm construído Bancos de Semente Comunitários (BSC), que se integram numa rede chamada de Sementes da Paixão. A recorrência das palavras *camponês* e *campesinato* para descrever os participantes dos bancos de sementes



agroecológicos é algo que será debatido neste trabalho. Questiono-me sobre quais os significados e características do conceito de *camponês* e como se dá a sua utilização dentro da concepção teórica da sociologia rural e nos estudos sobre os Bancos de Semente Comunitários integrados na rede Sementes da Paixão.

## Metodologia

O procedimento metodológico se baseia numa análise de conteúdo da produção acadêmica que versa sobre a rede Sementes da Paixão (CAMPOS e NETO, 2012; CLEMENTINO, FERNANDES e RAMALHO, 2010; CLEMENTINO, 2010a, 2010b, 2010c; NASCIMENTO e MOREIRA, 2008a e 2008b; SILVA, SANTOS, NUNES e MARINI, 2011; SILVA e ALMEIDA, 2007) para que, em seguida, se possa dissertar sobre os significados do conceito de *campesinato*.

## Resultados e discussões

Todo conceito é indicativo de algo que se situa para além da palavra utilizada, um conjunto de conhecimentos que se relacionam com aquilo que se quer compreender. O uso dos conceitos não é imutável, eles estão sempre articulados a um contexto que o torna compreensível. Assim, a palavra utilizada pode permanecer a mesma em seus vários usos, pois a sua repetição semântica é o que permite que ela seja compreensível, entretanto, o conteúdo por ela designado se altera substancialmente de acordo com o caso em questão (KOSELLECK, 1992). Ao focar no conceito de *camponês/campesinato*, é interessante pensar como a sua formulação teórica de décadas passadas (MENDRAS, 1969; WOLF, 1970; CHAYANOV, 1974) pode apresentar diferenças frente às dinâmicas contemporâneas. Desta forma, é possível enxergar uma re-apropriação do conceito, que une aspectos da teoria clássica com os usos referentes a atualidade.



Pode-se tentar entender o estilo de vida e trabalho dos agricultores que participam da rede Sementes da Paixão unicamente, a partir da conceituação clássica de campesinato, porém, não será um exercício inteiramente satisfatório, isto porque, seus ideais, demandas e relações não permitirão um enquadramento completo na teoria. A realidade atual é mais complexa e, forçar um encaixe do objeto de estudo no pensamento do pesquisador e nos textos por ele utilizado deformaria a compreensão dos fenômenos e empobreceria a análise dos fatos. Portanto, ao utilizar o conceito de campesinato é fundamental ter em mente que tipo de interligação que se dá com as teorias da sociologia rural e o uso cotidiano e político desta identidade na Sementes da Paixão.

O camponês, em conceituações clássicas como a de Wolf (1970), é aquele em que o trabalho é direcionado para a produção do mínimo calórico – a preocupação das reservas alimentares básicas da família em primeiro lugar – e do excedente, sendo apenas este último destinado as trocas mercantis e a partir do qual serão efetivados câmbios com a sociedade englobante em que este se insere. Não há, em tese, a intenção de produzir para o mercado, mas apenas de retirar dele o que não consegue se produzir no campo. Assim, o campesinato não é uma profissão, mas um modo de vida guiado por práticas e conhecimentos tradicionais.

Uma categoria muito utilizada nos dias atuais para se referir tanto aos agricultores agroecológicos quanto a várias outras identidades do mundo rural é a de *agricultura familiar*. Segundo Neves (2001), o início do trabalho com esta denominação no Brasil não se deu a partir de uma reflexão conceitual, tratando-se então de uma categoria descritiva e, até certo ponto, com uso profissional, disseminada principalmente pelo uso em políticas públicas. Este nomenclatura, para Wanderley (1996) é genérica e inclui, dentre outras manifestações, o campesinato. Assim, o uso do termo *camponês* por parte tanto dos pesquisadores e técnicos quanto dos próprios agricultores agroecológicos dos BSC é presente e divide espaço com a *agricultura familiar*. Assim, estes agricultores “expressam e reafirmam a existência e a continuidade histórica da agricultura familiar camponesa, assim como



as capacidades locais de conduzir projetos de desenvolvimento local” (DUQUE e ARAÚJO, 2011, p. 12).

O forte uso desta categoria foi “objeto de uma releitura e de uma apropriação adaptada ao contexto brasileiro por múltiplos agentes, denotando a enorme interpenetração que ocorria entre os campos científico, político e econômico” (NAVARRO, 1996 e MEDEIROS, 1997 apud ABRAMOVAY, 2007, p. 13), sendo a agroecologia exemplar desta junção entre ciência a política e que se apropria tanto da classificação da *agricultura familiar* quanto a de *campesinato*.

Os agricultores que cultivam as Sementes da Paixão estão inseridos na sociedade englobante e no mercado, isto porque, a produção de suas sementes também serve para a comercialização. Mesmo que este mercado de sementes seja praticamente restrito ao contato com outros agricultores, o lucro obtido com a venda de sementes além de ser uma “atividade (...) na produção de gêneros capazes de atender às necessidades do autoconsumo”, é fundamental para “às exigências do mercado” (SOARES, 1981, p. 73) como meios para se adquirir produtos e serviços da sociedade em que estão presentes e praticamente indispensáveis em vários setores da vida rural.

A comercialização não é um empreendimento complementar, “é essencial à reprodução das unidades produtivas, já que lhes oferece meios monetários para a compra de bens considerados indispensáveis” (SOARES, 1981, p. 73). O que nos faz perceber que a produção e o consumo – fator que segundo a lógica comumente elaborada, seria o foco da produção dos atores do mundo rural – tanto das sementes da paixão quanto de outros produtos se confundem na unidade doméstica.

A unidade produtiva destes agricultores continua sendo a família, num equilíbrio entre produção e consumo, como é apresentado por Chayanov (1974), onde a força de trabalho familiar ainda é o centro da produção doméstica. No entanto, creio que não se pode falar numa produção que esteja destinada apenas



para a subsistência, seguindo a lógica deste autor. Então, por mais que a unidade de produção ainda seja familiar, “a relação e a ação entre agentes se orientam por configurações provisórias de valores e forças sociais consolidadas ou consolidáveis em instituições diversas – além da família...” (NEVES, 2001, p. 6), isto é, a força de trabalho e a organização ainda é familiar, mas os incentivos ao trabalho e a orientação produtiva não se restringem apenas à família e para adquirir o necessário à subsistência.

O camponês também pode ser um empreendedor e está inserido na cultura hegemônica. Mesmo que use pouca mecanização, a agricultura familiar não é um setor pouco produtivo, especializado apenas no abastecimento interno (SABOURIN, 2009), visto que o agricultor “de hoje” não é um camponês isolado do mercado englobante, pois sempre efetua trocas verticais, isto é, trocas com agentes externos (WOLF, 1970). Assim, os “pequenos produtores agrícolas são produtores de mercadorias, isto é, colocam seus produtos no mercado e dependem deste para a reprodução da força de trabalho” (SOARES, 1981, p. 221).

Destarte, o emprego destes dois marcos referenciais (*agricultura familiar* e/ou *campesinato*) para o caso estudado apresentam-se, dependendo da abordagem do pesquisador, como problemáticos e limitantes, seja a categoria de *agricultura familiar*, que pode restringir o entendimento das atividades destes atores – atividades estas que não predominantemente familiares mas que vão além da subsistência familiar –, quanto o conceito de *campesinato*, que, se tomado sem nenhuma reflexão crítica e observação constante da realidade, também pode ser restrito ao se falar dos sujeitos estudados, por não apreender muitos aspectos da sua lógica de vida inserida em relações modernas.

A diversidade das situações encontradas no Brasil têm em comum o caráter familiar do trabalho, da gestão e da posse de terra. Entretanto, de acordo com Lamarche (1998 apud ABRAMOVAY, 2007) não seria possível resumir a variedade da agricultura de cunho familiar “às condições mais próximas da ideia clássica de campesinato, e tudo o que ela implica em termos de autonomia dessas unidades,



como é reivindicado por determinados autores ou mesmo pela retórica de alguns movimentos sociais” (p. 12).

Vale salientar que há realmente traços de uma cultura campesina nos agricultores contemporâneos, elementos de ruptura e de continuidade (WANDERLEY, 2003), entre a lógica tradicional campesina e a do agricultor como profissão, onde este utiliza dos conhecimentos obtidos pelas gerações anteriores em seu modo de vida. É o que podemos chamar, utilizando Sabourin (2009), de Sistemas Locais de Conhecimento (SLC). No mais, a noção de campesinidade também é útil para se entender esta relação entre a agricultura familiar e o seu estilo de vida tradicional. Para Vaz (2012), a *campesinidade*, enquanto traços de uma cultura campesina em agricultores agroecológicos, permite fugir das narrativas universalizantes, pensando as particularidades sociais e históricas de cada caso. Lidamos com o que Lefebvre (1981) chama de sabedoria camponesa, “uma combinação de prudência, iniciativa, desconfiança, credibilidade e costume” (p. 145), um conjunto de fatores mutáveis e dinâmicos que permeiam a vida na comunidade rural, mas que são historicamente determinados e devem ser analisados a partir disto. Para este mesmo autor, “a vida camponesa não tem mais nada de autônoma (...), não pode mais evoluir segundo leis distintas; ela relaciona-se de múltiplas maneiras, à economia geral, à vida nacional, à vida urbana, à tecnologia moderna...” (p. 162).

## Conclusões

Imaginar um camponês isolado, autossuficiente e unicamente voltado as atividade de subsistência seria uma forma pouco eficaz para se tratar dos camponeses que participam da Sementes da Paixão. Neste caso, a figura do camponês, além de estar conectada com os aspectos tradicionais de seu estilo de vida, estaria relacionada a para um tipo específico de demandas destinadas ao meio rural, envolvendo um quadro político fundado no raciocínio em longo prazo (BOVÉ,



2001). É importante ter em mente que o universo do campesinato funciona como tradição, mas também contém renovação e inovação, o que nos permite fugir das dualidades no que se refere ao *agricultor familiar* e o *camponês* e das idealizações que separam o campesinato das mais diversas formas de relação presentes na modernidade.

### Referências bibliográficas:

ABRAMOVAY, R. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

BOVÉ, J. O mundo não é uma mercadoria: camponeses contra a comida ruim; entrevistacom Gilles Luneau. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CAMPOS, J. D. e NETO, J. R. (2012) Bancos de Sementes Comunitários: estratégia que está resgatando práticas de Solidariedade e Cidadania no Médio Sertão da Paraíba. Disponível no endereço eletrônico: [http://www.aea.org.br/premio/trabalhos2012/responsabilidade\\_social\\_mencao\\_honrosa.pdf](http://www.aea.org.br/premio/trabalhos2012/responsabilidade_social_mencao_honrosa.pdf) . Acessado em: 05 de julho de 2012.

CHAYANOV, A. V. La organización de la unidad económica campesina. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974.

CLEMENTINO, J. O., FERNANDES, M., RAMALHO, A. (2010) Apropriação de práticas tradicionais nas atuais políticas de desenvolvimento - o caso dos bancos de sementes comunitários da Paraíba. I Encontro Regional de Estudos Rurais, UEPB, Campina Grande, setembro de 2010.

CLEMENTINO, J. O. (2010a) Estratégias de comunicação da V Festa da Semente da Paixão na Paraíba e sua relação com a esfera pública. Intercom Nordeste, Campina Grande. Junho de 2010.

\_\_\_\_\_. (2010b) Estratégias de resistência e busca de uma identidade para os agricultores rurais – uma análise da V Festa da Semente da Paixão. Revista Eletrônica Temática, Ano VI, n. 09.

\_\_\_\_\_. (2010c) Os desafios dos guardiões das sementes na Paraíba - Uma análise das Cartas Políticas da Festa Estadual da Semente da Paixão. I Encontro Regional de Estudos Rurais, UEPB, Campina Grande, setembro de 2010.

DUQUE, G. e ARAÚJO, M. da G. B. de. O protagonismo da juventude no Semiárido: a experiência do Coletivo Regional do Cariri, Seridó e Curimataú (PB). Revista Agriculturas, v. 8, n. 1, março, 2011.



KOSELLECK, R. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Revista Estudos Históricos, Vol. 5, No 10, 1992.

LEFEBVRE, H. Problemas da sociologia rural. In: MARTINS, J. S. (Org.). Introdução crítica a sociologia rural. São Paulo: HUCITEC. p. 144-162, 1981.

MENDRAS, H. Sociologia Rural. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

NASCIMENTO, J. M., MOREIRA, E. (2008a). Sementes da Paixão: estratégia de reprodução da agricultura familiar no Alto Sertão Paraibano. In: Semiluso - Seminário Luso Brasileiro, Ano II, 26 a 28 de junho de 2008, João Pessoa, PB. Editora Universitária UFPB, 2008.1 CDROM.

NASCIMENTO, J. M., MOREIRA, E. (2008b) O papel dos assentamentos rurais e dos bancos de Sementes da Paixão na reconstrução do território: das discussões epistemológicas ao caso de Três Irmãos. Artigo apresentado no XV Encontro Estadual De Geografia. Natal, RN.

NEVES, D. P. A Agricultura familiar e o claudicante quadro institucional. IV Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, Belém, 19 a 22 de março de 2001, 2001.

SABOURIN, E. Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SILVA, E. D. da; SANTOS, A.; NUNES, F. R.; MARINI, F. (2011) Pesquisa participativa para avaliação e seleção das Sementes da Paixão junto às famílias agricultoras na Paraíba. Trabalho apresentado no VII Congresso Brasileiro de Agroecologia. Fortaleza, CE – 12 a 16/12/2011.

SILVA, E. D. da e ALMEIDA, P. (2007) Um passeio pela Festa da Semente da Paixão. Revista Agriculturas, v. 4, no 3, outubro.

SOARES, L. E. Campesinato: ideologia e política. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VAZ, N. M. S. A noção de campesinidade e a possibilidade de uma interpretação a partir do ponto de vista camponês. In: I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS: Campo e Cidade em busca de Caminhos Comuns, Pelotas/RS: Editora e Gráfica da UFPel, 2012.

WANDERLEY, M. de N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. Trabalho apresentado no XX Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) em Caxambu, MG. Outubro, 1996.

\_\_\_\_\_. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. Estudos Sociedade e Agricultura. Outubro de 2003, n 21, 2003.

WOLF, E. Sociedades Camponesas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.